

Capitães de Areia: Um estudo sobre malucos de estrada no litoral oeste cearense¹

Rafael Cavalcante de Lima

Doutorando em Sociologia pela UFC (Universidade Federal do Ceará/Brasil)

Palavras-Chave: Viajantes; Turismo; Multiculturalismo

Uma pesquisa de Vidas Volantes em territórios de fluxos

Na pesquisa empreendida na dissertação de Mestrado em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará, observei e analisei as interações sociais ocorridas em uma vila pesqueira próxima a Jericoacoara, a Caiçara de Baixo, na qual passou a receber um grande fluxo de novos moradores, e a relação entre antigos e novos moradores, os conflitos, as interações cooperativas, e as transformações sociais e culturais no local, foram analisadas através de um trabalho etnográfico na localidade e na região do complexo turístico de Jericoacoara.



Figura 1: Lagoa da Caiçara de Baixo. (Foto: Philipi Bandeira)

O trabalho contou com cinco partes, no qual, primeiramente, é apresentado o objeto de análise social, a problemática do turismo e seus efeitos em localidades artesanais, e o efeito produzido pela interação causada com a chegada de novos moradores no vilarejo, e que tais moradores compõe uma rede de relação social específica, que

¹ Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 a 12 de dezembro em Brasília/ DF.

vivencia um estilo de vida nômade e alternativo, são eles os *malucos de estrada*, assim como eles se nomeiam mais usualmente. O presente artigo vai trabalhar com uma subseção da dissertação, na qual vai discutir e narrar o *tipo ideal* de *maluco de estrada*, seus *estilos de vida* e sua relevância no contexto da atual conjuntura em que vive a sociedade e sua ligação com o desenvolvimento de picos turísticos.

A proposta é analisar sobre a luz da filosofia de Nietzsche e a sociologia contemporânea de Bourdieu, Giddens, Silva, Boaventura, Hall, dentre outros, o *estilo de vida* vivenciado por este grupo social que se intitula *malucos de estrada*, observados em pesquisa etnográfica, com relatos a respeito de suas vidas.

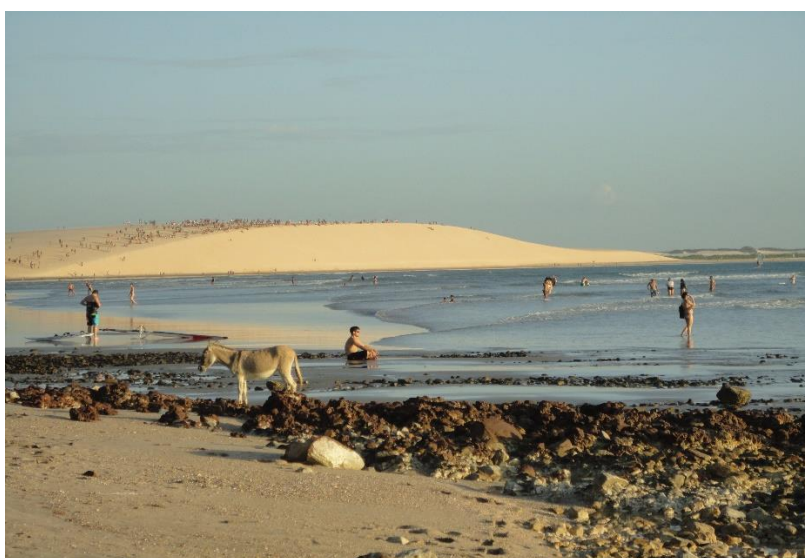


Figura 2: Foto da beira do mar de Jericoacoara ao Pôr do Sol. Ao fundo se vê a duna do Por do Sol e uma multidão de turistas indo apreciar o por do sol no mar de cima da duna. (Foto: Autor)

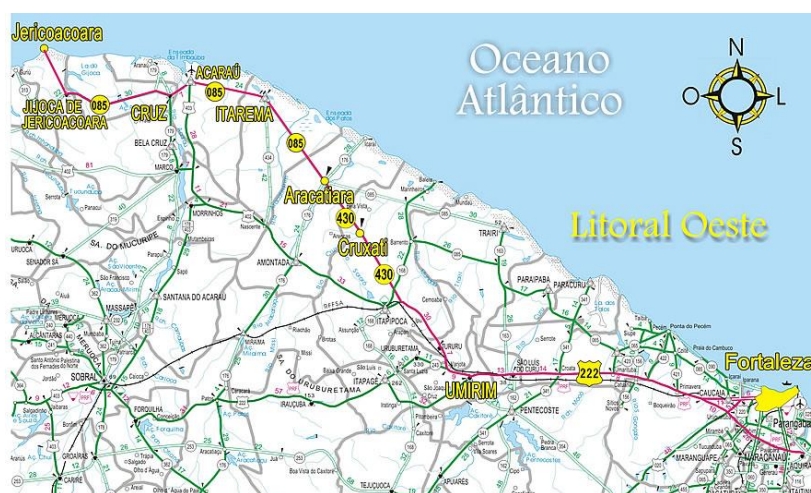


Figura 3: Mapa Fortaleza à Jericoacoara. A distância é de aproximadamente 300Km ao oeste de Fortaleza. (Fonte: www.portaljericoacoara.com.br)

Como Jericoacoara é atualmente uma vila turística, ela apresenta uma característica chamada aqui de *território de fluxo*, que consiste em locais com alta rotatividade de visitantes, com a presença de moradores de curto, médio e longo prazo, e a interatividade entre um *ethos* de natureza e globalização sofisticada, um turismo de natureza, Sol e Praia, e de noites festivas, com um alto índice de turistas internacionais, e de investidores e moradores também oriundos de várias partes do Brasil e do Mundo.

O presente artigo se empenhará em dialogar com as performances desses atores sociais e a relação com os *territórios de fluxos*. Assim como na pesquisa de Mestrado, os nomes dos interlocutores e até o meu, são trazidos no formato de pseudônimos, como recurso ético metodológico.

Vamos, a seguir, comentar o romance de Jorge Amado *Capitães de Areia*, relacionando com os Malucos de estrada, para introduzir a relação dos *capitães e da capitania* com uma *cultura do fluxo* e da *transterritorialidade*, ligados e impulsionados pelas redes de relações afetivas e estruturais, no litoral oeste cearense e do panorama mundial da Modernidade e os reflexos em vilas turísticas e viajantes de estrada.

Capitães de Areia, a Capitania Turística, Multicultural e Capitalista de Jericoacoara e algumas considerações metodológicas

Nunca ninguém soube o número exato de meninos que assim viviam. Eram bem uns cem, e desses, mais de quarenta dormiam nas ruínas do velho trapiche. Vestidos de farrapos, sujos, semi-esfomeados, agressivos, soltando palavrões e fumando pontas de cigarro, eram, em verdade, os donos da cidade, os que a conheciam totalmente, os que a totalmente a amavam, os seus poetas. (*Capitães de Areia*- Jorge Amado-1980)

Impressionante a articulação antropológica e sociológica que Jorge Amado fez no seu romance *Capitães de Areia* (agentes sociais urbanos que corriqueiramente são conhecidos como *meninos de rua*, *trombadinhas*, *pivetes*, dentre outros). Ele consegue inserir as crianças dentro de um contexto sócio histórico da Bahia, a questão da violência urbana e infantil (o pai de Pedro Bala morre de um tiro e a mãe sumiu), e as dinâmicas antropológicas do próprio grupo de garotos de rua e suas intervenções dentro da cidade. Ao mesmo tempo que são *desgraçados e marginalizados*, dentro das estruturas convencionais da sociedade (família, escola, cultura, Estado), são paradoxalmente *os donos da cidade, os que a conheciam totalmente, os que a totalmente a amavam, os seus poetas* (AMADO 1980).

A dinâmica dos Capitães de Areia narrada no decorrer do romance é muito rica sociologicamente, ao meu ver, pois ainda que se trate de uma ficção, e não necessariamente de uma pesquisa de campo científica no trapiche do cais do porto Soteropolitano (apesar de até parecer que ele fez ou que foi um capitão de areia), dialoga bem com as temáticas de menores abandonados nas ruas que reconstróem e ressignificam suas vidas diante das condições adversas implicitamente impostas pelas dinâmicas históricas e sociais da época em que vivem.

Eles não são meras crianças marginalizadas sem qualquer vínculo objetivado e compartilhado, muito pelo contrário, o grupo de garotos se criam e se reconhecem em seus códigos, e suas relações com a vida *underground ou outsiders* (BECKER 2008), passam pela inserção da agência com as estruturas de exclusão do capitalismo, mas também pela identificação e relação prática com os símbolos de poder e interação criados no grupo dos capitães de areia. E isso também não é algo descolado do resto da cidade e das pessoas que não são participantes do grupo, ou seja, as crianças não possuem uma interação acessória com a cidade, mas interdependente e visceral.

Porém toda essa conversa sobre esse romance e esses agentes sociais trazidos no romance, é para fazer uma ponte com os que trago aqui neste artigo, também nomeados Capitães de Areia, mas apesar de uma estreita semelhança com os Capitães de Areia de Jorge Amado, esses Capitães de Areia não transitam apenas por uma cidade (ainda que seu porto aqui é analisado em uma cidade litorânea), o *ethos* do viajante permeia sua performance na interação social, e suas vidas são sempre um contínuo transitar. A mobilidade é a sua *casa*, e os itinerários suas *bússolas*.

Os capitães de areia aqui são identificados por *Malucos de estradas*, e digamos metaforicamente e analogicamente, que a praia de Jericoacoara é como seu trapiche, como seu cais do Porto, local para seus trabalhos e aventuras, a *Capitania turística Capitalista Multicultural*. Território cultural regional e globalizado que permite o *individuo da mobilidade* se sentir num espaço onde as pessoas em trânsito estão “*em casa*”, ou, em um território propício para a liberação e interação de seu *habitus* (Bourdieu 2011).

Chegando ao Campo e a Escola

Conheci Jericoacoara e Canoa Quebrada (outra praia turística cearense com bastante fluxo de viajantes de estrada) a mais de vinte anos atrás, antes mesmo de terminar

meu curso de ensino médio, mas algo me dizia que este campo seria tanto escola de vida quanto científica para mim. E assim tem sucedido a quase duas décadas.

Em julho de 2003, fiz o *rito de passagem*, larguei o curso de ciências sociais no penúltimo semestre (tinha 22 anos de idade) e *entrei para a estrada* e fui incorporando a identidade (ainda que incerta tal identidade) do heterogêneo grupo dos *Malucos de Estrada*. Viajei durante cinco anos pelo Brasil, vendendo artesanatos e acompanhando organicamente o processo ou movimento da *malucada*.

Eu estava vivenciando uma fase de “*Capitão de Areia*” *naquela época*, porém já tinha cursado quatro anos de Ciências Sociais, e já possuía o que Roberto Cardoso de Oliveira (2006) chamou de *Olhar*² e que Wright Mills chamou de *Imaginação Sociológica*. Junto com a noção de *Habitus* de Bourdieu, a *Imaginação sociológica* de Mills consegue encaixar o irrisório, o cotidiano, a uma rede histórica da qual o sujeito está inserido. Penso que a existência humana, em seus mais diversos aspectos, não está desvinculada das malhas relacionais dos períodos históricos e do mundo social em que estão inseridos, e conseguia ver que a performance da *malucada* dizia muito sobre a sociedade em geral e a contemporaneidade da modernidade.

Em 2011, resolvi definitivamente voltar a estudar e terminar meus estudos universitários, consegui terminar minha graduação e prossegui fazendo o Mestrado e agora cursando o Doutorado. Apesar do suposto *pouso*, não consegui sair da *estrada*, e até hoje continuo ligado a *ela* através da pesquisa antropológica, histórica, filosófica e sociológica, tendo feito trabalhos na Graduação, monografia, e na dissertação de Mestrado.

Penso que um bom trabalho de antropologia pode surgir de uma observação prévia ingênua, corriqueira e cotidiana, para depois de observados a luz do diálogo acadêmico, ir fazendo a tessitura do objeto analítico interpretativo social, artesanal, e, processualmente, a observação ganhando maior dimensão científica.

Por estar vivenciando a vinte anos o campo proposto para análise, pude elaborar e coletar as entrevistas bem depois de já ter mapeado a problemática, o pano de fundo, o

² Olhar para Cardoso, não é meramente observar por observar, mas ter o Olhar é observar sobre o prisma teórico e analítico desenvolvido ao longo dos cursos de ciências sociais. No meu caso, via toda uma riqueza de problemáticas sociológicas e antropológicas no meio dos viajantes em trânsitos e das capitâneas multiculturais turísticas, como Jericoacoara. Era impossível para mim ver o que estava acontecendo cotidianamente, sem Olhar ou imaginar sociologicamente todas as teias de significados implícitas aos leigos das disciplinas. A teoria para Cardoso, Mills e Bourdieu é movimentada com a realidade empírica, em uma relação dialética e dialógica, sem sobreposição, mas também sem experimentalismos *pseudocientíficos*, dos quais eles criticam veementemente.

material teórico e as interlocuções, *o campo e a escola*. Ainda corroborando com Cardoso, o *Olhar* é extremamente cognitivo, porém sem ser teórico. Esta cognição se dá pelo movimento das categorias analíticas a luz das observações empíricas. A seguir vamos trazer mais elementos empíricos para o exercício da interpretação antropológica e sociológica.



Figura 4: Festa de aniversário de uma Maluca de Estrada, na Caiçara de Baixo no sítio de um casal de Malucos que se fixaram na localidade desde 2004. Na imagem estamos fazendo pizzas, e o rapaz ao fundo mexendo na pizza, sou eu em um dos momentos que estava viajando por lá. Nessa época, 2007, não estava estudando, e a foto é de arquivo pessoal. (Foto: Giordano Bruno)

Pedi demissão para ir para a estrada

Pude observar muitas coisas nas viagens que fiz em convívio com a *malucada*, e posteriormente em campo como pesquisador. Nesse ponto vamos agora apontar alguns aspectos descritivos observados em campo para compreensão das disposições do *Habitus* da *Malucada* e dialogar com algumas entrevistas concedidas por *malucos de estrada*.

Os *malucos de estrada* costumam viajar sustentados pela a venda de artesanatos, mas não qualquer artesanato, geralmente são artigos que servem para adornar pessoas como colares, brincos, pulseiras, tornozeleiras, bolsas, carteiras, cachimbos e maricas (piteiras de fumar pontas de cigarros) ; feitos com linhas, couro, arame; e também artigos decorativos, geralmente esculturas e máscaras feitas com *durepox* (escultura com massa cola), couro, madeira; filtro dos sonhos, incensários, pinturas em azulejo dentre outras.

Estes trabalhos utilizam técnicas passadas de maluco para maluco na estrada, aonde os recém-chegados vão colando nas *pedras* para aprender a fazer os artesanatos e ver como se relacionam os *malucos de estrada*. No relato de uma *maluca de estrada* em seu início de entrada no movimento:

Morando em São Paulo foi que surgiu assim, como agente estava falando eu levava uma vidinha da casa para o trabalho, parada, atrás de fazer uma faculdade, quando de repente, eu observava, eu sempre observava aquela galera ali, até que fui me aproximando e fui fazendo perguntas, ficava impressionada: “como você fazia esse brinco? Como você faz?” A mesma admiração que o povo tem quando pergunta para mim depois que eu me transformei, né? Optei por viver, unir o útil ao agradável, a viagem e o artesanato. O princípio da escolha, de viver a filosofia, foi aprender o trabalho, o artesanato, e perguntava para a pessoa você consegue fazer a mão? Depois de comprar ficar em casa admirando, e ficava pensando eu vou tentar, eu vou conseguir fazer isso daqui um dia. Aí depois de tentar ver que a vida que eu levava não estava completa e sempre tinha mesmo uma tristeza ali, por viver em São Paulo, a vidinha careta, sempre a mesma coisa, depois de eu tentar e conseguir um brinco foi abrindo os horizontes. Não aguentava mais ver um artesão, um hippie, passando perto, tanto que peguei uma rota de passar perto da rodoviária que eu sabia que ali ia ter algum. Daí eu parava, comprava, interrogava, e foi aumentando, a minha vontade, a minha curiosidade. Quando encontrei um casal marcante, o Paulinho e a Silvana. Ela olhou para mim e disse: “- Minha filha você gosta de trampo, não é? Senti aqui. Você disse que já tentou fazer algumas coisas, não é? Vamos ver o que você sabe fazer.” Foi a florzinha de Lótus. Daí ele disse: - Pronto agora você vive na estrada. Você come com isso. Isso daqui é uma sobrevivência. Daí ele contou a história dele que não vem ao caso. Pedi demissão do emprego, com a intenção de usar o dinheiro do tempo de serviço, porque eles me indicaram indo da capital, na avenida 25 de março você compra a linha ali, o arame lá, tá tudo anotadinho aí, vai para São Paulo, e sai desse emprego, sai dessa vida, deram esse incentivo que depois eu passei na rua para outras pessoas, na estrada, aí a intenção de chegar no emprego, foi essa a motivação maior. Pedi demissão para ir para a estrada. (Hera em setembro de 2015 narrando sua chegada ao movimento da *Br.*)

Eu estava em Jeri também nessa história da *Br.*, e é mais ou menos isso, acaba que agente não se encaixa no mundo em que vive, de trabalho, ganhar dinheiro, aquela rotina, do mundo comum, e você fica se perguntando o que é que eu tenho de errado, e vai sempre buscar, por que quando você é jovem sempre buscando encontrar sua tribo, o seu lugar no mundo, e lembro que eu era menor de idade ainda e sempre viajava. Eu comecei a trabalhar muito nova, com quatorze anos de idade, e sempre que podia viajava por interior de São Paulo, pro Rio, pra Bahia, e sempre encontrando galeras diferentes, com ideias diferentes, e tinha decidido que não queria mais morar em São Paulo, não sabia como, mas sabia que queria viajar. E lembro que era menor de idade ainda, dependente, naquela rotina. Daí uma mão que eu fui para o Maranhão conheci o Pai dos meus filhos, agente se trombou, e acabei saindo assim de vez. (Dandara em 2015, narrando sua chegada à estrada)

Na fala das duas interlocutoras se percebe uma insatisfação com a vida urbana e a rotina do trabalho que desempenhavam. Além disso, a perspectiva de cursar uma faculdade é tida como uma *sequência natural* daquela rotina, sem empolgação, sem uma escolha real dela perante sua vida. Quando fala do momento em que cola na *pedra dos*

malucos se percebe como um encanto, como um encontro com uma vocação, e também uma ruptura com um *estilo de vida* urbano e convencional que estavam lhe sufocando nos íntimos. *A estrada e o artesanato* são elementos desta ruptura, desta vontade de se libertar.

Como desenvolve Silva (2015) em sua tese sobre viajantes “independentes” de longa duração, considero que a ruptura com a rotina, que aborda como *liberação de*, e como Dandara e Hera expõem em seus relatos de romperem com uma vida que lhes angustiavam, Silva também trabalha com a *liberação para*, essa diz respeito ao que se vai fazer viajando, inclusive viajar, liberado para viajar ao se liberar do trabalho ou da universidade que é um ensino voltado para o mercado de trabalho. Nas palavras do próprio Silva (2015) ao analisar a fala de um interlocutor viajante chamado Benny:

Considerando o exposto, faz sentido afirmar que para Benny a “fuga” do cotidiano não se sustenta como o único elemento motivador de suas viagens. Há uma proposta evidente de engajamento em um *cotidiano outro*, mesmo transitoriamente, que também irá conferir valor à sua experiência de deslocamento. O “escapismo” ou a “liberação” da rotina carregam consigo, portanto, uma propensão concreta de interações diversas, que não passa pela simples suspensão do familiar. O “ato compensatório”, a vivência que faz Benny conseguir retornar a sua própria vida cotidiana, efetua-se plenamente quando da mesma forma oportuniza uma *liberdade para* e não só uma *liberação de*. (SILVA, 2015, p. 97)

A tese aqui elaborada se ancora na perspectiva de que tais orientações de *ruptura*, de *liberação e libertação*, não são descontinuidades soltas ao “acaso” ..., mas *fruto*³ de uma conexão com nosso atual momento histórico de crise dos valores pragmáticos existenciais progressistas urbanos, e, por conseguinte, desdobramentos dialógicos psíquicos, o melhor dizendo, *o projetos reflexivos do eu* (GIDDENS 2002). Nas palavras do próprio:

A reflexividade da modernidade se estende ao núcleo do eu. Posto de outra maneira, no contexto de uma ordem pós-tradicional, o eu se torna um projeto reflexivo. Transições nas vidas dos indivíduos sempre demandaram a reorganização psíquica, algo que era frequentemente ritualizado nas culturas tradicionais na forma de ritos de passagem. Mas em tais culturas, nas quais as coisas permaneciam mais ou menos as mesmas no nível da coletividade, geração após geração a mudança de identidade era claramente indicada. Nos ambientes da modernidade, por contraste, o eu alterado tem que ser explorado e construído como parte de um processo reflexivo de conectar mudança pessoal e social. (GIDDENS 2002, p.37)

³ Sinceramente não sei se a palavra certa é fruto ou flor. Pois fruto é efeito final e flor é um efeito que tem poder de causar efeito. Todo cuidado é pouco com possíveis determinismos.

Voltando para a descrição dos espaços de interação e símbolos do movimento *maluco de estrada*, teremos o espaço de reunião dos malucos: a *pedra*. A *pedra* seria como o *pico* para o *skatista*, um local de encontro, prática e interação, mas no caso dos malucos de estrada, também um local de comercializar a arte e interagindo com os outros grupos sociais e não apenas entre si, como as pessoas que vêm apreciar e comprar os artesanatos, os que vendem lanches nas proximidades, os vigias de praças, os fiscais das prefeituras, as prostitutas, os usuários de drogas, dentre outros agentes sociais.

No caso de Jericoacoara a *pedra* fica perto da praia, na rua principal. Hoje em dia se encontra em formato de feira de artesanatos *hippie*, como já havia mencionado em outro momento. As *pedras* geralmente têm um ambiente *underground*⁴, ou pelo menos estigmatizado por alguns indivíduos como tal. Porém depende da situação e do local. As grandes cidades costumam ter *pedras* mais *undergrounds*, onde o espaço de trabalho e o lúdico se confundem.

Na Figura 5, logo a seguir, temos uma fotografia de um painel de artesanatos. Também chamada de *asa* pelos *malucos de estrada*, o painel de artesanatos é prático para a venda ambulante e até a exposição em feira, poupando a utilização de mesas.



Figura 5: Painel Expositivo de Artesanatos. Setembro de 2010. (Foto: Autor)

Em seu relato, Hera conta que vai, no caso, aprender a fazer o artesanato na *pedra dos malucos*. Ferreira (2015) em seu artigo sobre os *skatistas*, fala do *pico* como local da prática do skate, e que é necessário compreender que nem todo local é propício para a prática do skate. Entendo que a *pedra* é o local para a venda de artesanatos e a prática da

⁴ *Underground* no sentido de local subversivo a ordem do *status quo* social e cultural.

feira dos *malucos de estrada*, mas também de subversão, das interações face a face (GOFFMAN) e do exercício simbólico do campo de atuação performática da *malucada*.

Outro aspecto importante levantado pela interlocutora (na situação de iniciante) foi a importância de se aprender o ofício do *hippie* para ser um *hippie*, para rodar o mundo e sobreviver com isso. Percebo que diferente do movimento *hippie* clássico, do paz e amor nos anos 1960, na era do Woodstock, o *maluco de estrada* foi e é no Brasil, necessariamente um artista, um trabalhador, ou seja, um artesão. O artesanato também carrega um jeito, um *ethos* específico, que faz com que outras pessoas que não são do ramo identifiquem, como sendo artefatos dos *malucos*, tipo uma pulseirinha ou um cachimbo dos *hippies*.

O *hippie* também é aquele que está como um vendedor ambulante de seu artesanato, nas praias, nas praças, nos eventos, em locais turísticos, nas grandes cidades, em locais paradisíacos e com poucos povoados, o *maluco de estrada* não necessariamente vive em locais turísticos, ou só transitam por eles, apesar de terem ciência da hora de ganhar dinheiro ser nestes locais. Nas falas das interlocutoras enquanto ia perguntando:

Hera: E aí estrada, ta, desde 98, Sul, Norte, Centro Oeste, fazendo várias histórias pelo caminho, milhares de histórias, se for parar pra contar, é muita coisa, detalhes demais. Muita bagagem que a pessoa carrega. Viver do artesanato é ao mesmo tempo, está naquela pracinha, que você escolhe de um interior, pra você passar uma semana, depois passar quinze dias, por que você conhece fulano, sicrano que arrasta você para cá, depois arrasta para lá, acampava na praça mesmo. Acampava, comia, vendia, ali mesmo. Daí um dos lugares dessa estrada foi aqui, dos picos, dos interiores que eu gostava muito pelo Brasil, quando adquiria um dinheirinho, para algum objetivo maior, daí escolhia a praia pico tal...

EU: Os picos que vocês escolhiam tinham que ficar perto de um lugar turístico na estrada?

Hera: Não, não. Na Estrada em si, quando você estava atravessando um Estado, a rota era essa, o meu destino era esse para sair de um Estado e entrar no outro, não me preocupava com o dia do amanhã. Aonde cair, aonde parar, onde ficar.

Dandara: Porque tipo assim, você passava nos picos, porque uma você queria conhecer, onde tem muito turismo, geralmente os lugares são muito bonitos, as praias são muito exuberantes, pela beleza natural, os lugares já são chamativos. E aí sempre rolava muito mais grana do que nos outros interiores, porque é um local onde as pessoas já vão com mais grana pra curtir, e daí você vai curtir o pico, mas a maior parte do tempo você viaja fora do pico. Pelos interiores.

Nessa hora podemos observar também uma característica de *aventureiro* que o *maluco de estrada* traz consigo. A incerteza e o desafio, de passar fome, de ficar sem dinheiro, de ter que dormir em coretos das praças, faz o perfil destes agentes sociais.

Sendo o acúmulo de experiências de viagem, a sagacidade criativa do artista e do vendedor, elementos que fazem a diferenciação entre os integrantes desta tribo itinerante.

Um *maluco considerado* pode o ser, por ter viajado muito ou por ser bom artista ou por ser um bom vendedor, e ainda, por colocar medo nos demais, impondo uma moral pelo medo. Vários são os motivos que trazem um prestígio no meio, mas não vou me aprofundar nisso, apenas para trazer a temática da diferenciação específica deste campo de atuação social específico.

A Figura 6, abaixo, mostra duas *malucas de estrada* voltando do dia de trabalho, do *mangueio*. Essa foto foi retirada na localidade da Sambaíba na Lagoa do Paraíso, local no qual era na beira da Lagoa do Paraíso, e existia um trecho de terra alto que se atravessavam para o outro lado da Lagoa onde ficam os restaurantes e pousadas que recebem os passeios diários de *buggy* e onde os *malucos de estrada* vão vender artesanatos e gerar sua renda de trabalho.



Figura 6: *Malucas de Estrada* voltando do *Mangueio* na Lagoa do Paraíso. Julho de 2007 (Foto: Autor)

Os *malucos de estrada* possuem estratégias específicas com relação às temporadas e a viagem aos *picos*. Apesar do contexto anárquico que a maioria empreende ao viajar⁵, possui alguma racionalidade nas buscas por matérias primas e de locais em temporadas turísticas. Para título de categorização, existe a temporada de natureza e a temporada de vendas.

⁵ Geralmente se viaja sem plano certo, vai *fluindo* de acordo com a experiência nos locais da viagem. Muitos mudam constantemente as rotas ou ficam mais tempo que esperavam nos locais. Mas uma vez compreendida a lógica do artista, do viajante, do místico e do trabalhador, ou comerciante de artesanatos, vai ocorrendo uma racionalidade que discutirei no texto mais a frente.

Por todo o Brasil existe um circuito turístico, de praias, montanhas, florestas e centros urbanos. Porém existem épocas em que as cidades turísticas recebem maior fluxo de turistas, e esta é a hora das temporadas de vendas, que em Jericoacoara funciona entre Julho e Agosto, e de Janeiro a Fevereiro, apesar de ter fluxo turístico o ano inteiro. Em outras partes do país, existem matérias primas das quais os malucos utilizam em suas joias artísticas. Ossos, como dentes de jacaré, tubarão e onça, pedras semipreciosas e lapidadas, capins dourados, couros de animais silvestres e de carneiro e boi, rolos de linhas baratos, dentre outros, são conseguidos em diversas partes do Brasil em determinadas épocas. Por exemplo, ossos no Pantanal, na época de seca, pedras semipreciosas em regiões de Minas e Goiás, arames de qualidade no Rio Grande do Sul e São Paulo, várias sementes e couros na Amazônia, capim dourado do Tocantins, cristais na chapada Diamantina e por aí vai. A vida itinerante é também conectada com as temporadas turísticas e com as de natureza, o que cria uma lógica nômade visceral ou ontológica do artesanato e do artesanato maluco de estrada.

Como é ressaltado pelas *malucas*, a estrada, ou a *Br⁶*, não está condicionada ao *pico* turístico. Porém, observo uma contradição em suas falas, ou pelo menos um distanciamento da atual realidade vivida por elas e da de um viajante aventureiro por conta das oscilações dos trechos. Elas depois vieram falar que ao terem filhos tiveram que parar de viajar, mas o elo com a vida da estrada é ainda bem presente, o que mostra que possuem total identificação com o movimento cultural manifestado por esta tribo, que não sei ao certo se urbana ou rural. O que vejo são elementos urbanos e rurais que perpassam esta tribo.

O *maluco de estrada* também tem uma relação muito intensa com o lúdico, com as festas e as drogas. Como falei, existe uma pluralidade de sujeitos que se identificam como tal. Têm *malucos* que são *hippies* de Cristo, e não usam drogas, nem roupas rasgadas e nem ficam sem tomar banho, porém a grande maioria quando está viajando, ficam numa condição conhecida como *micróbio*, que são os *hippies* que não tomam muito banho, nem trocam muito de roupa, andam poucos trabalhos na *asa* (apesar de saber e terem muitas habilidades e conhecimentos artesanais), usam drogas regularmente e

⁶ Importante salientar que a BR e a estrada não são meros percursos geofísicos, mas percursos vinculados a vários aspectos socioculturais.

*preferem*⁷ ficar em *mocós*⁸ a dormirem em pousadas ou terem casas alugadas (como os capitães de areia de Jorge Amado) .

Alguns segmentos da sociedade, que não são poucos, encaram o viajante de estrada como um *vagabundo e delinquente*, segundo seus critérios estigmatizadores e preconceituosos, por não trabalhar como os lojistas de artesanato do turismo convencional, mas na realidade, pelo menos o que pude constatar com a observação e experiência como um, é que se trata de um artista e um trabalhador informal.

Parte da Sociologia contemporânea argumenta que entre os turistas e o turismo, existe um *lupen proletariado* viajante e que está à margem da experiência do turista preparado para os padrões de consumo. Tal visão que reduz todos os viajantes que não são turistas de *vagabundos* foi criticada por muitos autores que compreendem que existem mais variedades de *tipos ideais* envolvidos do que simplesmente o *turista e o vagabundo*.

Além disso o *micróbio* pode ser consumista quando tem possibilidade para tal, se vende bem gasta bem também (logo na próxima seção darei o exemplo de Iamandú).

Contudo, tem algo de concreto que pude observar nessas pesquisas, que o movimento do *Neoliberalismo* e do *pós modernidade* (não movimento acadêmico, mas as práticas realizadas nessas últimas décadas ancoradas nestas bandeiras) induziram a exclusão e a marginalização, ao mesmo tempo que anseiam por inserir todos no mercado consumidor a qualquer custo, o que não deixa de ser verdade a exclusão do artista de rua em locais turísticos, ainda que sobrevivam nestes locais com símbolos seus que foram transformados em produtos do capitalismo internacional.

Racionalidades e Irracionalidades da Vida Volante entre o trabalho e o prazer

Friedrich Nietzsche reflete em sua filosofia sobre a moral humana que a maior parte da construção moral da sociedade se pauta na repulsa e nos castigos aos instintos

⁷ Não é bem preferir, pois nem grana se tem para pagar algo para dormir. Por isso o termo está em itálico, pois tal preferência envolve um *ethos* de guerreiro, de desafio, tanto a burguesia, por dormir nas ruas em vez de colchão confortável, mas também um desafio contra a violência das ruas da qual fica sujeito. É preciso, pelo que observei, dormir na rua para ser reconhecido, para ser *considerado* pelo grupo. Tem um trecho de uma música do cantor Ventania, que é um maluco de estrada antigo que mora em São Tomé das Letras (MG), e que fez sucessos cantando músicas que narram a vida do maluco. O trecho é o seguinte: *Cama de Playboy é com travesseiro e colchão, cama de Maluco é de papelão*.

⁸ Mocó é um local abandonado, ou pode ser uma rua, ou um coreto de praça. Um local onde possa ficar de graça, geralmente público e exposto. É o trapiche das crianças de Jorge Amado em Capitães de Areia. Na estrada o *micróbio* raramente fica em pousadas, *preferem* os *mocós* (Nota Anterior).

humanos animais, como a criação do pecado, que para ele não existe em si, como uma lei da natureza, mas é uma criação social e “humana”, pois para ele é feita pelo homem e contra o homem, uma vez que torna os anseios da carne de forma diabólica, reprimindo o ser. Ele vai dizer que tal moral serve para amordaçar os seres humanos, tornando-os fracos e submissos.

Para ele teria que ocorrer uma *transvalorização* dos valores morais, enxergando de forma autêntica as potências sexuais e artísticas humanas, e não apenas a potencialidade da razão “pura” socrática. Digo isso por que posteriormente vamos iniciar uma discussão sobre o que é ser *maluco de estradas* e que isso passa por um confronto de racionalidades, de práticas de vivências e de ligações intrínsecas ocultadas entre o que é ser “*maluco*” e o que é ser “*normal*”.

Não é à toa este nome *maluco*, pois é considerado um “*louco*”, a pessoa que larga sua vida *formal* e passa a viver viajando pelo mundo. Agora será que as fronteiras entre *sorrisos e caretas* são tão óbvias e antagônicas em tempos de virtualidade e intensa cultura de consumismo? O que é normal e o que é anormal? Isso existe? O normal é que é anormal para quem é visto como anormal? Tais perguntas irão nos ajudar a apresentar o *típico maluco de estradas* segundo as observações e interpretações analisadas nessa pesquisa.

Cada *maluco de estrada* tem seu jeito de ser, de pensar, sua trajetória pessoal de chegada a esta vida de estrada, sua procedência de classe social, e usando o conceito de Bourdieu (2011), sua *posição social no campo dos malucos de estrada*, e no *campo social* mais amplo, sendo impossível da conta da multiplicidade de cada *maluco de estrada*. Logo aqui vou me reportar o que vi de incidência entre esses atores sociais.

Tais incidências passíveis de serem observadas como códigos culturais e formas de se portarem entre os mesmos, que faz uma pessoa que viaja pela estrada ser um *maluco de estrada*, e não um *playboy*, um *pardal*, um *jagatá*, um *trabalhador no trecho* ou um *favorzeiro* (categorias, com exceção de *trabalhador no trecho*, nativas do grupo).

Para o *maluco de estrada* o *playboy* é o que viaja sem trabalhar, e gosta de vestir com roupas de marca e curtir festas badaladas. O *jagatá* seria o *hippie* que vive em sítios e possuem filosofia macrobiótica e orientação espiritualista. Este apelido foi criado, segundo alguns *malucos de estrada*, na época de uma novela da Rede Globo de televisão em que a atriz e cantora Sandy, era uma *hippie* de uma comunidade *jagatá*, em Pirenópolis, no interior do Goiás, onde até hoje existem várias fazendas comunitárias e espiritualistas. O *pardal* é o antigo *maluco* que parou de viajar e fica parado, ou nunca

viajou, mas vende seus artesanatos nas *pedras dos malucos*, local onde os artesanatos são expostos a venda. O *maluco de estrada* tem uma visão crítica dessas outras agremiações, pois acham que são de classes sociais superiores e não boicotam ou não são *alternativas* reais ao “sistema”. Os *favorzeiros* já são criticados por serem “escorões” e degradados. Geralmente são alcoólatras ou *drogaditos* que não vendem artesanatos, e ficam a pedir favores.

Muitos *malucos de estrada* acabam na situação de *favorzeiros*, quando se destroem pelo uso excessivo de drogas e deixam de trabalharem. Outros seguem caminhos contrários, preferindo viver uma vida mais saudável ou parando de viajar por conta de filhos, se aproximando da situação de *Jagatás* ou do *Pardal*.

Vejo também uma possível relação desses agentes ao contexto dos *trabalhadores no trecho*, em mobilidade, venho me reportar ao trabalho de Guedes (2013), que faz uma etnografia da vida dos trabalhadores de garimpo e de construção de usinas hidrelétricas, oriundos do norte de Goiás, que também viviam uma vida de itinerário, de viagem, de trecho, no sentido similar ao da *estrada* empregado aqui.

O autor constata que o trabalho nos garimpos tem muita relação com festas por parte dos garimpeiros que encontram grandes pepitas de ouro. Não posso afirmar que isto é herança cultural do povo brasileiro, de gastar muito quando ganha de uma só vez, mas como os garimpeiros, os *malucos de estrada* também gostam de viver a vida e o instante e não se importam muito de gastarem em “noitadas” todo o dinheiro que ganharam com seu trabalho.

Em uma viagem com Iamandú (*maluco de estrada* de Rondônia que conheci em Jericoacoara, e do qual viajamos juntos até a Chapada da Diamantina, passando por Pipa(RN), João Pessoa(PB), Garanhuns(PE), Praia do Francês(AL), Feira de Santana(BA) durante três meses, de Abril à Junho de 2003) presenciei este ganhar de uma só vez quinhentos reais, vendendo artigos de couro para uma senhora francesa em João Pessoa, na praia de Tambaú, deixou cem reais comigo e disse para mim:- E aí *Peter Pan*, até *amanhã!*- E partiu para a farra, ou como ele me disse: - *Vou pra Boca!*- e saiu dando gargalhadas. Ou nas narrativas de Hera (interlocutora já mencionada anteriormente) quando fala das festas que os *malucos de estrada* faziam em altas temporadas em Jericoacoara. Como eles costumam a falar: - *Sem miséria!* Nesta situação, podemos ver que o capital econômico importa. Tentam viver à parte do sistema, mas quando pode acessá-lo o fazem de modo veemente, em algum ponto fazem uma ponte com a situação do Garimpeiro quando encontram uma pepita de ouro.

A questão é como fazem, pois, diferente da Ética Protestante Norte Americana do século XVIII (WEBER 1967) de acumulação e investimentos com o dinheiro ganho com o trabalho, os *malucos* parecem mais estarem sobre uma *ética das emoções*, não vendo outra lógica senão a de sentir prazer imediato e desvalorizar o dinheiro como forma de dignificação do homem. Mais uma vez percebemos um embate entre a racionalidade do homem dito *consciente e ético*, e a racionalidade *emotiva e aventureira* do *maluco de estrada*.

Forneço aqui apenas a psicologia de toda imputação de responsabilidade. – Em toda parte onde foram buscadas responsabilidades, quem ali busca costuma ser o instinto de *querer punir e julgar*. Despojou-se o devir da sua inocência, quando o modo de ser assim e assado é remontado à vontade, às intenções, aos atos de responsabilidade: a doutrina da vontade foi essencialmente inventada com a finalidade de punir, isto é, de *querer encontrar um culpado*. (NIETZSCHE 2014)

Na passagem acima, Nietzsche reforça sua crítica a Moral e a exacerbação da atitude humana racionalizada, nos moldes da vontade livre aristotélica, apontando para uma vontade de dominar, de vigiar, de punir, com uma máscara de atitudes ponderadas e virtuosas. Para ele é desumano ser excessivamente racional na atitude prática, como também é desumano querer ser perfeito ou divino, demonizando tudo que é apenas, *humano, demasiado humano*.

Penso que a ditas *responsabilidades* convencionadas a chamada *vida adulta*, são impregnadas destas morais das quais o filósofo condena, por condenarem a humanidade a sentir repulsa de suas pulsões⁹ naturais. O *maluco de estradas*, muitos analfabetos e nada eruditos, parecem também *terem compreendido* que é um fardo pesado ser “bom” e “moralista”, e apresentam um comportamento, que por si só, e pela relação que possuem com a sociedade, chocam-se com os padrões pequenos burgueses civilizatórios e colonizadores. Segundo Mignolo o projeto da Modernidade traz consigo e obscuramente a esfera da colonialidade. Em suas palavras:

Primeiro, a lógica da colonialidade (ou seja, a lógica que sustentava os diferentes âmbitos da matriz) passou por etapas sucessivas e cumulativas que foram apresentadas positivamente na retórica da modernidade: especificamente, nos termos da salvação, do progresso, do desenvolvimento, da modernização e da democracia. (MIGNOLO 2017, P.08)

⁹ Utilizando o termo pulsão por achar mais conveniente ao ser humano do que instintivo que parece ser muito reducionista visto a condição humana subjetiva e simbólica.

Porém, longe de um ideal libertário anarquista consciente e descolonizador, muitos *malucos* estão impregnados de preconceitos e valores conservadores (*misoginia, androcentrismo, homofobia*) em seus discursos e dispositivos interacionais, penso que correlacionado ao embate com a vida nas ruas, como também da introjeção psíquica das formas de controle sociais internas ao grupo dos *malucos de estrada*.

Mais que um mecânico reflexo da *vida das ruas* (aqui entendida como uma categoria conceitual e não algo dado) é também permeado pelas relações interdependentes com a temporalidade da *Modernidade tardia*. Esses pontos específicos sobre a esfera política que transita entre a liberdade e o conservadorismo, estou desenvolvendo na minha tese de doutorado, e devido a conjuntura atual, estou em processo de campo e amadurecimento teórico.

Conclusões

O *maluco de estrada* transita entre vários destes *tipos ideais*, pois são também, variadas as possibilidades e os sujeitos que participam deste movimento. Tanto tem os *malucos* que são mais concentrados no trabalho e na família, quanto os que são mais boêmios e malandros, e também as duas coisas ocorrendo simultaneamente.

Existe uma questão *estética*¹⁰, a arte e a viagem aventureira, meio épica, em algum ponto como o bandeirante, os garimpeiros, os navegadores, porém é também enquadrado de trabalhador, como produtor e vendedor de artesanatos, portanto gerador de renda e de conteúdo simbólico de inserção na sociedade como trabalhador autônomo. Sua relação com o meio *alternativo* e sua *estigmatização* (GOFFMAN 2004) como drogado o fazem ser enquadrado, muitas vezes, como vagabundo. A realidade é que existem várias identificações de acordo com as situações.

Na Caiçara de Baixo, por exemplo, vejo que é bem diferente a relação dos *malucos de estrada e os hippies* com a sociedade local, pois são muitas vezes os patrões, na construção de suas casas ou quando contratam nativos para serem caseiros, o que gera um efeito de mais respeito do que depreciada da visão dos antigos moradores, talvez por saírem um pouco da condição de *micróbios* ao pararem na localidade.

¹⁰ Estética no sentido trabalhado na Filosofia da Arte, de realização da beleza, sendo que não na obra de arte em si, ou o artesanato, mas na vida aventureira, que seria a realização do inusitado, portanto, do belo anárquico de viver viajando, em busca da *liberdade* perdida na vida moderna industrialista, pragmática e capitalista.

Percebo que existem várias identificações de acordo com as situações. Como argumenta alguns sociólogos da *pós-modernidade*, fica difícil, dada a conjuntura histórica, ter apenas uma identidade, sólida e coesa, principalmente em grupos sociais itinerantes, mas este trabalho pretendeu, em meio à nova conjuntura da modernidade, discutir os *malucos de estradas* em suas performances observadas e como um grupo social genuíno e ativo na construção dos *territórios de fluxos*, em locais turísticos com alta rotatividade de turistas internacionais mochileiros, com alto índice de novos moradores vindos de outras regiões e investindo em atividades turísticas, como o caso da praias de Jericoacoara no litoral oeste do Ceará.

Porém, o conjunto das estruturas históricas atuais condicionam os *campos* e os *habitus introjetados* (LAHIRE 2004) nos indivíduos, e percebo também uma modificação do *Habitus* desse viajante de estrada, que deixa a perspectiva naturalista dos anos setenta, e entra no contexto do turismo festivo de Sol e Praia, o que faz existir uma clara transformação de *Habitus* e valores desses sujeitos no decorrer destas três décadas. GIDDENS (2002) e ELIAS (1994) parecem comungar com essas posições, apesar de não terem uma interlocução aparente com minha área de atuação. Mas uma vez reconhecendo a reflexividade da modernidade (GIDDENS 2002) pela relação dialética dos sujeitos com as estruturas, ou na construção das ações práticas planejadas a longo tempo, percebemos que os *estilos de vida*, não são meras sequencias soltas da temporalidades, e nem sequencia contingencial radical desencadeada, mas uma relação entre as práticas dos indivíduos agenciais e das estruturas coletivas e sociais.

Percebo que o *maluco de estrada* não é mero produto do turismo litorâneo, e nem um iluminado artista revolucionário descolado da sociedade (como um Zaratustra angustiado de amor antes de descer a montanha e sair do anonimato ermitão), porém um sujeito, e uma coletividade expressa em práticas compartilhadas, que dialoga totalmente com um tempo de mobilidade, de aceleração do tempo, de encurtamento das distancias, *modernidade desencaixada* (GIDDENS 1991), de fragmentação e ressignificação das ideologias, e de profundo consumismo, tanto objetivado nas coisas, como coisificando as subjetividades.

Eis que concluímos que as práticas e discursos observados e analisados estão em relação dialética com a indústria do turismo, mas também com as profundas mudanças estruturais e emocionais, que as coletividades e os sujeitos vêm sofrendo na contemporaneidade. Concluímos também que tais ressignificações não são determinantes e nem determinadas, mas que operaram dentro de códigos internos entre os *malucos de*

estrada como também os lapidam em suas relações interdependentes com outros segmentos da sociedade.

Tal performance opera dentro de lógicas paradoxais e contraditórias, como a luta pela sobrevivência e a vida boêmia, a busca pela liberdade e sentido e ao mesmo tempo códigos machistas e repressores, como repressão as vestimentas das mulheres, homofobia e outras tendências conservadoras, que, penso eu, ser parte da estrutura simbólica pragmática das ruas e a decadência do ideal hippie ecológico e revolucionário, de alternativa humanitária ao capitalismo, que com o tempo fora se dissipando, e com a pressão consumista e individualista da modernidade contemporânea reflexiva, e o desenvolvimento exacerbado da indústria do turismo, fora dando outro caráter e sentido ao viajante das estradas, para um interlocutor da velha geração, as ideias foram distorcidas e a malucada está mais ligada as drogas e ao imediatismo lúdico.

Concordo em partes, e ainda que seja um diagnóstico *factual*, a percepção do interlocutor só tem relevância, fazendo a conexão desses comportamentos com as relações afetivas e sociais apresentadas no decorrer do presente trabalho.

Referências

- AMADO, Jorge. **Capitães de Areia**. Rio de Janeiro. Record, 1980.
- BECKER, Howard S. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- BORDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico. Cap. II: Introdução a uma sociologia reflexiva**. Bertrand Brasil. Rio de Janeiro. 2011.
- ELIAS, Nobert. **O Processo Civilizador vol. I**. Editora Zahar. Rio de Janeiro. 1994.
- FERREIRA, Pedro P., **Skatografia- o caso do “pico” In: VIDA & GRAFIAS, Narrativas antropológicas, entre biografia e etnografia**. Org: KOFES, Suely & MANICA, Daniela. Rio de Janeiro. Edições: FAPERJ & Lamparina. 2015.
- GIDDENS, Anthony. **As Conseqüências da Modernidade**. São Paulo. Unesp. 1991.
- _____. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro. Zahar. 2002.
- GOFFMAN, Erving. **A REPRESENTAÇÃO DO EU NA VIDA COTIDIANA**. Petrópolis. Editora Vozes. 1992.
- _____. **Estigma – Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. Coletivo Sabotagem. 2004.

- GUEDES, André Dumas. **O trecho, as mães e os papéis: etnografia de movimentos e durações no Norte de Goiás**. São Paulo. Garamond, 2013.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro. Editora Lamparina. 2014.
- _____. **Da Diáspora. Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte. Editora UFMG, UNESCO. 2003.
- HANNERZ, Ulf. **Fluxos, Fronteira, Híbridos: Palavras-Chave da Antropologia Transnacional**. Mana 3(1) 7-39, 1997.
- LAHIRE, Bernard. **Retratos sociológicos: disposições e variações individuais**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.
- MILLS, C. WRIGHT. **A IMAGINAÇÃO SOCIOLÓGICA. CAP I: A PROMESSA**. RIO DE JANEIRO, ZAHAR, 1969.
- MIGNOLO, Walter D. **COLONIALIDADE:O lado mais escuro da modernidade**. Rio de Janeiro. 32ª Revista Brasileira de Ciências Sociais. 2017.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos Ídolos ou como se filosofa com o Martelo**. Petrópolis, RJ. Editora Vozes. 2014.
- _____. **Humano, Demasiado Humano**. São Paulo. Editora Escala. 3ª Edição.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do Antropólogo**. São Paulo. UNESP. 2006.
- SILVA, Igor Monteiro. **O mundo não é tão grande: uma etnografia entre viajantes “independentes” de longa duração**. Tese de Doutorado em Sociologia, UFC. Fortaleza, CE. 2015.
- WEBER, Max. **Economia e Sociedade. Fundamentos para uma sociologia compreensiva. Vol.1**. Brasília, DF. Editora UNB. 2009.
- _____. **A Ética protestante e o “espírito” do Capitalismo**. São Paulo. Pioneira. 1967.